



# REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH  
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

## **“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR**

## **“THE BRICKLAYER’S SON BECAME A DOCTOR”: A DISCOURSE ANALYSIS ON MERITOCRACY AND RACISM ON UFPR’S INSTAGRAM**

## **“EL HIJO DEL ALBAÑIL SE VOLVIÓ DOCTOR”: ANÁLISIS DEL DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA Y RACISMO EN EL INSTAGRAM DE LA UFPR**

**Artigo recebido: 21/08/2025**

**Artigo aceito: 01/12//2025**

Shayene Ferreira De Jesus<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este estudo analisa os comentários de uma postagem no Instagram oficial da Universidade Federal do Paraná (UFPR), realizada em 23 de novembro de 2024, que celebrava a formatura de Adrian Castro (2024), médico negro formado por meio do sistema de cotas. Foram coletados 145 comentários, os quais foram organizados e analisados com base nos conceitos de reconhecimento, de Nancy Fraser (2022). A análise de discurso, utilizada como metodologia principal, demonstrou uma dicotomia entre narrativas de apoio às políticas afirmativas e discursos de exclusão pautados no mito da meritocracia. Cerca de 40% dos comentários apresentaram reconhecimento à trajetória de Castro (2024), enquanto 35% refletiram discursos racistas e meritocráticos, e 25% foram categorizados como neutros ou ambíguos. Os resultados indicam que, apesar do impacto positivo das ações afirmativas, o racismo estrutural permanece imiscuído nas interações digitais, demonstrando a necessidade de um debate público mais profundo e de políticas que mitiguem as desigualdades. Este trabalho contribui para a compreensão das tensões discursivas sobre inclusão racial e ações afirmativas, oferecendo subsídios para práticas e políticas que promovam uma sociedade mais equitativa.

**Palavras-chave:** reconhecimento; racismo estrutural; análise de discurso.

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: shayimprensa@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9780-3245>

## **“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR**

## **ABSTRACT**

This study analyzes the comments on an official Instagram post by the Federal University of Paraná (UFPR), published on November 23, 2024, celebrating the graduation of Adrian Castro (2024), a Black doctor who graduated through the quota system. A total of 145 comments were collected, organized, and analyzed based on Nancy Fraser's (2022) concept of recognition. Discourse analysis, used as the primary methodology, revealed a dichotomy between narratives supporting affirmative action policies and exclusionary discourses grounded in the myth of meritocracy. Approximately 40% of the comments acknowledged Castro's (2024) journey, while 35% reflected racist and meritocratic discourses, and 25% were categorized as neutral or ambiguous. The results indicate that, despite the positive impact of affirmative actions, structural racism remains embedded in digital interactions, highlighting the need for deeper public debate and policies to mitigate inequalities. This study contributes to the understanding of discursive tensions surrounding racial inclusion and affirmative actions, providing insights for practices and policies that promote a more equitable society.

**Keywords:** recognition; structural racism; discourse analysis.

## **RESUMEN**

Este estudio analiza los comentarios de una publicación en el Instagram oficial de la Universidad Federal de Paraná (UFPR), realizada el 23 de noviembre de 2024, que celebraba la graduación de Adrian Castro (2024), médico negro formado a través del sistema de cuotas. Se recopilaron 145 comentarios, los cuales fueron organizados y analizados a partir de los conceptos de reconocimiento de Nancy Fraser (2022). El análisis del discurso, utilizado como metodología principal, evidenció una dicotomía entre narrativas de apoyo a las políticas afirmativas y discursos de exclusión fundamentados en el mito de la meritocracia. Aproximadamente el 40% de los comentarios expresaron reconocimiento a la trayectoria de Castro (2024), mientras que el 35% reflejaron discursos racistas y meritocráticos, y el 25% fueron categorizados como neutros o ambiguos. Los resultados indican que, a pesar del impacto positivo de las acciones afirmativas, el racismo estructural permanece imbricado en las interacciones digitales, lo que demuestra la necesidad de un debate público más profundo y de políticas que mitiguen las desigualdades. Este trabajo contribuye a la comprensión de las tensiones discursivas sobre inclusión racial y acciones afirmativas, ofreciendo insumos para prácticas y políticas que promuevan una sociedad más equitativa.

**Palabra-Chaves:** reconocimiento; racismo estructural; análisis del discurso.

**“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR**

## INTRODUÇÃO

A questão racial no Brasil é marcada por um longo histórico de exclusão e desigualdades estruturais. Desde o período escravocrata até os dias atuais, o racismo institucional e a marginalização da população negra têm perpetuado ciclos de pobreza, violência e exclusão social que se mostram imiscuídos nos meandros do tecido social, uma vez que “a realidade do Brasil ainda é herança do longo período de colonização europeia, os negros apresentam maiores taxas entre os analfabetos, começam a trabalhar mais cedo, menores salários e a taxa de desocupação também é a maior” (Lucero; Vieira, 2019, p.03).

A implementação das cotas raciais no Brasil é uma resposta histórica forjada nas demandas dos movimentos sociais negros, que há décadas insurgem contra as estruturas engessadas do racismo estrutural. Instituídas pela Lei n.º 12.711/2012, essas políticas foram calcadas na necessidade de historicizar e mitigar as desigualdades históricas, ensejando o acesso de negros, indígenas e estudantes oriundos de baixa renda ao ensino superior público. Não obstante, essa política enfrenta reiteradamente dissensos na sociedade, muitas vezes endossados por discursos que ressoam o mito da meritocracia, obliterando a compreensão das condições equânimes que as cotas procuram instaurar.

Na Universidade Federal do Paraná (UFPR), os desafios da inclusão racial são evidentes e se manifestam de forma incisiva. Relatos de estudantes negros revelam vilipêndios, como as constantes abordagens discriminatórias perpetradas por seguranças, que questionam sua presença no campus. Segundo Fernandes (2024), estudantes como Waldemar Alexandre Júnior relataram episódios de constrangimento que reverberaram em temores de acessar determinados prédios da universidade, evidenciando a necessidade de políticas inclusivas mais robustas. Esses casos demonstram lacunas que acirram as tensões dentro do espaço acadêmico, engendrando uma ambiência que muitas vezes obstaculiza a efetivação das ações afirmativas.

A resistência às cotas também se manifesta em cursos de prestígio, como Medicina, cuja estrutura elitista foi calcada historicamente no androcentrismo branco e burguês. A presença ainda ínfima de estudantes negros nesses cursos é reflexo de um emaranhado de

**“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR**

hierarquias socioraciais que solapam as possibilidades de acesso equitativo. Além disso, casos de discriminação em sala de aula, como os denunciados na UFPR, revelam nuances da luta por inclusão e demonstram como discursos corrosivos e práticas racistas continuam a imergir em espaços que deveriam promover alteridade e respeito (Reis, 2024).

Este artigo analisa vetores discursivos presentes em comentários feitos em uma postagem oficial da UFPR no Instagram, que celebrava a formatura de Adrian Castro (2024), um beneficiário de cotas e auxílios estudantis. Apesar de muitos elogiarem a conquista, outros reiteraram críticas às políticas afirmativas, evocando frases como "estudar abre portas, não as cotas". Essa narrativa reitera o mito da meritocracia, obliterando as condições históricas que forjaram desigualdades estruturais. Esse mote discursivo denota uma perspectiva que ignora as nuances do racismo estrutural, relegando as ações afirmativas a meros privilégios.

O objetivo deste estudo é sistematizar uma análise de como as cotas transformam vidas e de como narrativas insurgentes contra essas políticas carecem de fundamentos que abarque a historicidade da exclusão racial. Utilizando a análise de discurso, busca-se interpretar os discursos presentes na postagem, destacando aqueles que reforçam preconceitos e aqueles que celebram as políticas afirmativas. A partir do relato de Adrian Castro (2024), constata-se que as políticas de inclusão têm um papel nevrálgico na superação de barreiras históricas. Filho de pedreiro, Castro (2024) contou com auxílios como moradia estudantil e restaurante universitário para concluir sua graduação na UFPR, demonstrando como essas políticas confluem para sua ascensão social (UFPR, 2024).

O mito da meritocracia, reiteradamente esgrimido por críticos das cotas, desconsidera os diferentes pontos de partida entre negros e brancos. Como ponderam Lucero e Vieira (2019), o Brasil é um país onde a mobilidade social é fortemente condicionada pela raça, e as cotas preponderavam como um esforço profícuo para corrigir essas disparidades. A meritocracia, em sua essência descontextualizada, não antevê as condições iniciais desiguais e, assim, perpetua privilégios históricos que ceifam as oportunidades para aqueles oriundos de contextos vulneráveis.

#### ***“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR***

A história de Castro (2024) é emblemática e consubstancia o impacto transformador das políticas de inclusão no Brasil. O estudante enfrentou os desafios impostos por uma realidade social marcada por desigualdades arraigadas. Contudo, sua trajetória demonstra que as políticas públicas de inclusão, calcadas nos auspícios das ações afirmativas, capilarizaram possibilidades de acesso e permanência. Castro (2024), beneficiário do auxílio permanência e da moradia estudantil, conseguiu estruturar uma trajetória acadêmica exitosa que reverbera a simbologia das cotas como vetor de transformação social.

O restaurante universitário, descrito por Adrian como sua segunda casa, assegurou condições de dignidade, permitindo-lhe se concentrar em sua formação. Ademais, a Casa do Estudante Universitário (CEU) proporcionou-lhe um lar seguro e acessível, simbolizando a importância das ações afirmativas que extrapolam o acesso à universidade e englobam medidas que garantem a permanência acadêmica. Adrian, sob os auspícios dessas políticas, destacou a luta histórica para conquistar direitos que, em sua perspectiva, são pilares da justiça social (UFPR, 2024).

Dessa maneira, as cotas universitárias, embora alvo de reiterado rechaço, revelam-se ferramentas imprescindíveis para forjar condições equânimes no âmbito educacional. A análise dos comentários na postagem da UFPR explana tanto os desafios quanto os avanços promovidos pelas ações afirmativas. A história de Castro (2024) transcende sua experiência pessoal e serve como um mote que evoca a necessidade de intensificar os esforços por paridade. As universidades públicas, sob a égide de um compromisso disruptivo com a diversidade, devem intensificar políticas que mitiguem desigualdades e promovam uma sociedade mais justa e inclusiva.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos últimos anos, a democratização do acesso ao ensino superior brasileiro tem sido pauta de intensos debates, especialmente após a promulgação da Lei nº 12.711/2012. Popularmente conhecida como Lei de Cotas, essa norma obriga as instituições federais a

***“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR***

reservar parte de suas vagas para estudantes oriundos da rede pública de ensino, considerando critérios étnico-raciais e socioeconômicos.

Na Universidade Federal do Paraná (UFPR), essa política é aplicada da seguinte forma: metade das vagas é destinada a estudantes de escola pública independentemente de renda, enquanto a outra metade é voltada a estudantes de escola pública com renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio. Dentro de cada um desses grupos, há subcotas reservadas para candidatos autodeclarados pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência, em proporção à representatividade desses grupos na população do estado do Paraná. O sistema ainda conta com bancas de verificação fenotípica para validar autodeclarações, assegurando a legitimidade do processo. (UFPR, 2022)

É preciso reconhecer que as cotas raciais não surgiram do nada, mas foram fruto de um longo processo de reivindicação dos movimentos negros organizados, que denunciaram as desigualdades raciais e sociais perpetuadas no Brasil mesmo após o fim da escravidão. Como explana Santos (2019), a exclusão sistemática da população negra do espaço universitário não foi apenas uma consequência da pobreza, mas de um projeto histórico que construiu a escola e a universidade a partir de um ideal branco, elitista e eurocentrado. Nesse contexto, a política de cotas raciais surge como uma resposta à ausência histórica de negros e indígenas nos bancos universitários, refletindo não um privilégio, mas uma tentativa de reparação.

A experiência da Universidade Federal do Paraná (UFPR) evidencia de forma concreta os efeitos positivos da Lei de Cotas. Segundo reportagem institucional, a UFPR, uma das pioneiras na adoção de ações afirmativas, implementou seu sistema de cotas em 2005, antes mesmo da promulgação da Lei nº 12.711/2012. Para o superintendente de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade da UFPR, Paulo Vinícius Baptista da Silva, a política de cotas permitiu uma importante diversificação do alunado, promovendo maior presença de estudantes de camadas populares, negros, indígenas e pessoas com deficiência na universidade. Segundo ele, isso representa um avanço significativo em prol da equidade e da conquista de direitos (UFPR, 2022).

#### ***“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR***

Para além dos dados institucionais, reflexões teóricas como as de Silva (2017) reforçam a importância das ações afirmativas como parte de um processo mais amplo de democratização do ensino superior. A autora argumenta que a presença de estudantes negros e negras nas universidades públicas brasileiras não é apenas um indicador de justiça social, mas também um fator que contribui para a transformação epistemológica desses espaços. Ao inserir sujeitos historicamente marginalizados nos centros produtores de conhecimento, as cotas raciais desestabilizam a homogeneidade branca e elitista que por décadas caracterizou a universidade brasileira.

É necessário reconhecer que o acesso à universidade não equivale à garantia de permanência e sucesso acadêmico. Estudantes cotistas, especialmente os negros, seguem enfrentando uma série de barreiras estruturais que dificultam sua trajetória no ensino superior. cursos como medicina, por exemplo, exigem dedicação integral, o que é incompatível com a necessidade de trabalhar para sustentar os custos com transporte, alimentação e materiais. As bolsas de assistência estudantil, quando existentes, são insuficientes: a CAPES, por exemplo, levou mais de nove anos para reajustar os valores das bolsas de pós-graduação (Brasil, 2023), gerando evasão e precarização da vida acadêmica para os estudantes mais vulneráveis. Além disso, há o fenômeno do “negro único”, em que o estudante negro é frequentemente o único em sua sala de aula, tendo que lidar com o isolamento racial e a ausência de um ambiente institucional comprometido com a luta antirracista. Essa solidão racial, somada ao racismo velado (ou explícito) presente nas interações cotidianas, pode gerar sofrimento psíquico e reforçar a sensação de não pertencimento, afetando diretamente o desempenho acadêmico e a permanência desses estudantes.

Silva (2017) também problematiza o discurso meritocrático que se opõe às cotas, destacando que ele se sustenta na ilusão de igualdade de oportunidades, ignorando os efeitos duradouros do racismo estrutural. Para ela, as ações afirmativas não são “privilegios”, mas medidas corretivas que visam enfrentar as desigualdades historicamente produzidas pelo Estado brasileiro. Nesse sentido, a política de cotas não apenas amplia o acesso, mas força a universidade a repensar suas estruturas, currículos e formas de produção de conhecimento, promovendo um ambiente mais plural e inclusivo.

**“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR**

## METODOLOGIA

Este estudo propõe investigar os discursos presentes em uma postagem realizada em 23 de novembro de 2024, no Instagram oficial da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que celebrava a formatura de Adrian Castro (2024), médico negro formado por meio do sistema de cotas. A análise busca explorar as imbricações entre as categorias de reconhecimento, racismo estrutural e as narrativas conflitantes expressas nos comentários. Este capítulo detalha o processo metodológico que fundamenta a pesquisa, ressaltando como o reconhecimento e o racismo estrutural foram operacionalizados como categorias analíticas centrais.

A coleta de dados foi realizada por meio da plataforma *Apify*, que capilarizou os comentários da postagem, totalizando 145 interações. Este corpus, sistematizado em uma tabela do Excel, permitiu categorizar as manifestações a partir de variáveis como teor textual, engajamento (curtidas e respostas) e temáticas subjacentes, forjando um amálgama analítico capaz de abranger os vetores discursivos mais relevantes. Não obstante, as categorias foram construídas calcadas em referenciais teóricos que consubstanciam a análise.

No que tange às categorias, o conceito de reconhecimento, de Fraser (2022), foi mobilizado para identificar comentários que endossavam ou celebravam a trajetória de Castro (2024), enfatizando o papel das cotas como desígnio de justiça social. Fraser (2022) assevera que o reconhecimento transcende a dimensão simbólica, engendrando condições equânimes que conflitam com estruturas engessadas de exclusão. Em contraponto, o conceito de racismo estrutural, conforme Almeida (2019), foi utilizado para escrutinar os comentários que perpetuavam vilipêndios racistas ou discursos meritocráticos que solapam o impacto das ações afirmativas. Almeida (2019) pondera que o racismo não é um fenômeno isolado, mas subjaz às dinâmicas políticas, econômicas e sociais, sendo a manifestação normal de uma sociedade calcada em hierarquias sociorraciais.

Fraser (2022) defende que o reconhecimento é uma dimensão fundamental da justiça social, ao lado da redistribuição econômica. Para Fraser (2022), o reconhecimento refere-se à valorização de identidades e práticas culturais que historicamente foram relegadas a um lugar de invisibilidade ou desprezo. A ausência de reconhecimento não é apenas um problema

**“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR**

cultural, mas também uma forma de subordinação social que perpetua exclusões e reforça desigualdades estruturais. Aplicado à análise, os comentários que celebravam a trajetória de Castro (2024) foram enquadrados nessa categoria, evidenciando como as ações afirmativas se imiscuem em dinâmicas que transcendem a redistribuição, operando na esfera simbólica para mitigar as opressões históricas.

Almeida (2019) define o racismo estrutural como uma lógica sistêmica que organiza a sociedade de forma desigual, engendrando hierarquias sociorraciais que permeiam instituições, práticas e discursos. Para Almeida (2019), o racismo não é um fenômeno pontual e episódico, mas uma característica constitutiva das estruturas políticas, econômicas e sociais. Essa abordagem foi utilizada para identificar e analisar comentários que refletiam narrativas racistas, como o uso do discurso meritocrático descontextualizado ou falas que obliteravam a relevância das ações afirmativas. Tais manifestações foram interpretadas como parte de uma estrutura engessada que perpetua privilégios históricos ao ceifar oportunidades de grupos racializados.

A metodologia se valeu da análise de discurso, que, como evidenciado por Nogueira (2001), transcende o estudo de estruturas linguísticas, adentrando nos interstícios entre linguagem e poder. Esse modelo praxiológico foi essencial para depreender como os discursos na postagem refletem e refratam os dissídios sociais, corroborando a ideia de que o racismo estrutural não apenas subjaz, mas é reiterado nas interações cotidianas online.

Os procedimentos analíticos foram delineados em etapas claras. A priori, os comentários foram classificados em três categorias principais: apoio ao reconhecimento, racismo estrutural e neutralidade/ambiguidade. Essa categorização, orientada por pressupostos teórico-epistemológicos robustos, permitiu antever padrões discursivos tangíveis e suas nuances, para mitigar abordagens inócuas ou simplistas. A etapa subsequente consistiu na identificação dos discursos que contribuíram para a análise crítica, destacando as dimensões de alteridade e exclusão evidenciadas nos comentários.

Entre os resultados, constatou-se que aproximadamente 40% dos comentários apoiavam a narrativa de reconhecimento, celebrando a trajetória de Adrian e intensificando a

#### ***“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR***

simbologia das ações afirmativas. Outros 35%, contudo, continham discursos latentes ou explícitos de racismo estrutural, reiterando argumentos dogmáticos que obliteram a importância das cotas. Por fim, os 25% restantes apresentaram um teor ambíguo ou tangencial, refletindo uma receptividade gap em relação às questões de justiça social.

Esse enfoque metodológico se mostrou profícuo ao elucidar como a postagem engendrou um debate que transcende a efervescência digital, adentrando nos interstícios das contranarrativas insurgentes que permeiam o tecido social. A análise demonstrou, ademais, que discursos meritocráticos frequentemente se tornam corrosivos ao relegarem a coletividade em prol de perspectivas individualistas, que se imiscuem nas camadas mais tênues do debate público.

Conclui-se que a metodologia aplicada não apenas conseguiu abarcar a complexidade discursiva dos comentários, mas também ofereceu um léxico analítico capaz de historicizar e reconfigurar a compreensão sobre ações afirmativas no contexto contemporâneo. Tal abordagem, circunscrita ao âmbito acadêmico, enseja uma leitura crítica sobre como narrativas racistas e de reconhecimento podem ser simultaneamente articuladas e desconstruídas, oferecendo subsídios para futuros estudos que visem ampliar o entendimento das nuances sociais em ambientes digitais. Sob essa égide, o presente capítulo reitera a imperativa necessidade de pesquisas que integrem perspectivas críticas e interseccionais, ressoando o papel das ações afirmativas na práxis de transformação social.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A importância da representatividade de negros na medicina transcende a questão numérica. Essa presença transforma o tecido social e os espaços de cuidado em saúde, permitindo uma abordagem mais sensível às especificidades culturais e sociais dos pacientes. Profissionais negros trazem para a prática médica uma perspectiva que ressignifica a relação médico-paciente, mitigando os impactos do racismo institucional que historicamente ceifaram a equidade no atendimento à saúde no Brasil. Não obstante, a representatividade ainda é

***“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR***

ínfima: apenas 3% dos médicos no país são negros, conforme o Conselho Federal de Medicina (CFM), um dado que expõe o descompasso entre a composição racial da população brasileira e sua presença na medicina (Silvia, 2024).

A presença de médicos negros nas universidades não apenas diversifica o corpo discente, mas também promove uma formação mais humanizada e sensível às especificidades culturais e sociais dos pacientes, mitigando práticas discriminatórias e promovendo um atendimento equânime. Sendo assim, a roda de conversa destacou a importância de políticas afirmativas, como as cotas raciais, como vetores essenciais para a inclusão de estudantes negros nos cursos de medicina.

Contudo, a implementação de políticas afirmativas enfrenta resistências, muitas vezes fundamentadas no mito da meritocracia. Essa crença desconsidera as barreiras estruturais que obstaculizam o acesso de populações historicamente marginalizadas ao ensino superior. Ao desmistificar a meritocracia, reconhece-se a necessidade de ações afirmativas para corrigir desigualdades históricas e promover condições equânimes de acesso e permanência na educação médica.

A análise discursiva dos comentários coletados a partir da postagem no Instagram da UFPR, que celebrava a formatura de Adrian Castro (2024) com a legenda “Cotas abrem portas. O filho do pedreiro virou doutor!”, revelou um cenário que imbrica narrativas de reconhecimento e resistência, sustentadas por estruturas de racismo estrutural e meritocracia descontextualizada. Os 145 comentários extraídos foram organizados em categorias, o que permitiu interpretar as tensões discursivas que atravessam os debates sobre cotas raciais e ações afirmativas.

O reconhecimento, como proposto por Fraser (2022), refere-se à justiça social calcada na superação das barreiras culturais e simbólicas que marginalizam determinados grupos. Nos comentários analisados, 40% apresentaram teor de apoio à trajetória de Castro (2024), configurando-se como narrativas de celebração e validação das cotas raciais. Frases como "Um exemplo de superação e vitória das ações afirmativas!" e "Cotas transformam vidas e

#### ***“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR***

"abrem portas que antes estavam fechadas" demonstram a capilarização do reconhecimento como vetor de transformação social.

Essas manifestações reforçam o argumento de Fraser(2022) de que a justiça social não pode ser dissociada do reconhecimento das identidades marginalizadas, pois este aspecto simbólico consubstancia condições equânimes que desafiam estruturas engessadas. No entanto, apesar de ressoarem como contranarrativas disruptivas, esses discursos ainda enfrentam resistências significativas, demonstrando a fragilidade da aceitação plena das ações afirmativas na esfera pública.

Figura 1: POST UFPR



Fonte: Universidade Federal do Paraná (UFPR). Reprodução da postagem de Evelin Moreira.

Por outro lado, a análise revelou que 35% dos comentários continham discursos marcados por racismo estrutural, como definido por Almeida (2019). O racismo estrutural é entendido como um fenômeno enraizado nas dinâmicas econômicas, políticas e sociais, engendrando desigualdades que não são meramente individuais, mas intrínsecas às estruturas da sociedade. A naturalização desse discurso também foi observada em falas como “Minha namorada negra pagou a faculdade, quem quer corre atrás”, que individualizam o acesso à educação e relegam as desigualdades estruturais à invisibilidade. Esses comentários

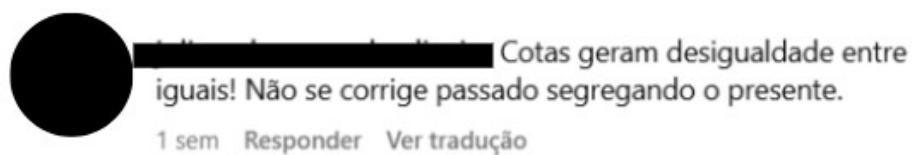
#### ***“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR***

evidenciam um rechaço às políticas afirmativas que subjazem a uma ideologia que normaliza a exclusão e obstaculiza o reconhecimento de direitos.

Entre os comentários, destacam-se posições que questionam a justiça do sistema de cotas com falas como: “O sistema de cotas é injusto. Deveriam criar um sistema de competição por capacidade e esforço do estudante” ou “Estudar abre portas, não as cotas!”. Essas manifestações ignoram a estrutura histórica de desigualdades que engendrou a exclusão de corpos negros dos espaços de poder e conhecimento. A crença na competição “pura” e descontextualizada, que desconsidera os abismos sociais de partida, perpetua um ideal de igualdade formal que não se sustenta em uma sociedade marcada por séculos de racismo estrutural. Tais discursos evidenciam a crença em uma meritocracia descontextualizada, que ignora os abismos sociais de partida entre brancos e negros. Tal crença contribui para um ideal de igualdade formal que não se sustenta em uma sociedade cujas bases foram calcadas na escravidão e na exclusão racial.

Outros comentários, como o que afirma que “cotas geram desigualdade entre iguais” ou que “não se corrige o passado segregando o presente”, traduzem a dificuldade de parte da sociedade em compreender as cotas como uma política reparatória. Elas não visam criar divisões, mas corrigir as disparidades que ainda ceifam oportunidades de grupos historicamente marginalizados. É um exemplo clássico do que Gonzalez (2020) chamava de resistência à compreensão da interseccionalidade entre raça e classe, ignorando que o racismo opera como um sistema autônomo de opressão que não pode ser resumido às desigualdades econômicas.

Figura 2: COMENTÁRIO EM POSTAGEM



Fonte: Instagram UFPR

#### **“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR**

Mais interessante, porém, é a naturalização do racismo embutida em falas como: “Minha namorada negra pagou a faculdade do bolso mesmo. Quem quer corre atrás”. Esse discurso não apenas individualiza o problema do acesso à educação, como também vilipendia o debate coletivo e ignora os dados que comprovam a desigualdade racial no ensino superior. Segundo o IBGE, mesmo com as políticas de cotas, pessoas negras continuam sub-representadas nas universidades, e sua inclusão é recente e frágil.

Figura 3: COMENTÁRIO DOIS



Acho hipocrisia tratar os pobres do sul com indiferença por serem brancos. Minha namorada negra soteropolitana, nascida e criada na cidade baixa, é cirurgiã e pagou a faculdade do bolso mesmo. Quem quer corre atrás. Racismo é o sistema de cotas, que segmenta o povo brasileiro.

6 d 4 curtidas Responder Ver tradução

Fonte: Instagram UFPR

A análise evidenciou uma dicotomia evidente entre os comentários que endossaram o reconhecimento e aqueles que perpetuavam discursos de exclusão. Essa tensão discursiva aponta para a emergência de uma práxis que, a despeito de avanços na inclusão educacional, ainda enfrenta resistências ancoradas em narrativas corrosivas. O fio condutor da análise evidenciou como o discurso meritocrático, ao ser mobilizado em um contexto de desigualdades estruturais, não apenas solapa o impacto das cotas, mas também reforça a estrutura engessada que perpetua o racismo.

Os resultados obtidos a partir da categorização inicial dos comentários foram sistematizados em três categorias principais: I) Apoio ao reconhecimento (40%): Narrativas que reforçam a simbologia positiva das cotas e o impacto transformador das ações afirmativas; racismo estrutural (35%): Discursos de exclusão, pautados na lógica meritocrática e no desrespeito às políticas reparatórias; III) Neutros ou ambíguos (25%): Comentários cuja interpretação não permitiu uma categorização clara, evidenciando uma lacuna na compreensão ou engajamento com o debate.

#### **“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR**

Os resultados apontam que, embora a postagem tenha ensejado narrativas de apoio e celebração, o racismo estrutural permanece latente, imiscuído nas interações digitais. A reação à postagem da Universidade Federal do Paraná, evidencia como as ações afirmativas ainda enfrentam resistências que eclodiram no discurso público com teor virulento. Essa conjuntura demonstra que, para além do acesso, é imprescindível forjar um ambiente educacional e social que intensifique a aceitação e o impacto das políticas afirmativas. A análise de discurso permitiu elucidar como as redes sociais se tornaram um espaço tanto de insurgência quanto de perpetuação de vilipêndios. Sob essa égide, compreender as dinâmicas discursivas presentes em casos como o de Castro (2024) é um exercício necessário para antever caminhos que mitiguem as desigualdades e promovam uma justiça social substantiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O impacto das cotas na educação médica é inegável. Desde a implementação da Lei n.º 12.711/2012, o número de estudantes negros nas universidades federais passou de 17% para 49% em 13 anos. Apesar desses avanços, os desafios persistem: no curso de medicina, apenas 16,6% dos concluintes eram cotistas em 2019, refletindo tanto a resistência estrutural quanto a fragilidade da inclusão nesses espaços de prestígio. Esse dado reforça a necessidade de políticas afirmativas que não apenas garantam o acesso, mas também criem mecanismos de permanência e acolhimento para estudantes negros (Rosa, 2024).

A postagem celebrativa de Adrian Castro (2024) e a subsequente reação nas redes sociais evidenciam o paradoxo da inclusão racial. Por um lado, ela revela histórias de sucesso que simbolizam o impacto transformador das ações afirmativas. Por outro lado, revisita narrativas racistas que ainda permeiam o imaginário coletivo e refletem a resistência à presença de negros em espaços historicamente elitizados. Esses discursos desvelam não apenas a fragilidade da aceitação das políticas afirmativas, mas também a profundidade das desigualdades que ainda persistem.

A formação médica antirracista, portanto, não pode limitar-se à inclusão de estudantes negros nas faculdades. É imprescindível que os currículos incorporem discussões sobre racismo estrutural e seus impactos na saúde da população negra. Ao compreender os

***“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR***

determinantes sociais da saúde, os futuros médicos serão capacitados a promover um cuidado mais equitativo e a enfrentar as disparidades que perpetuam a exclusão de corpos negros dos serviços de saúde de qualidade.

A celebração da formatura de Adrian Castro (2024) é um marco que deve ser interpretado como um símbolo do potencial disruptivo das ações afirmativas na medicina. Sob os auspícios de uma prática médica comprometida com a transformação social, a inclusão de profissionais negros é uma condição sine qua non para uma saúde verdadeiramente universal. Contudo, a resistência enfrentada pela postagem da UFPR (2024) reafirma que o caminho para a equidade racial na medicina ainda exige esforço coletivo, diálogos construtivos e a consolidação de políticas afirmativas que mitiguem as disparidades estruturais e promovam justiça social.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 5 out. 1988.
- BRASIL. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 30 ago. 2012.
- BRASIL. **Governo Federal anuncia reajuste de bolsas do CNPq e da CAPES**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasília, 16 fev. 2023. Disponível em:<https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/governo-federal-anuncia-reajuste-de-bolsas-do-cnpq-e-da-capes>. Acesso em 20 de ago. de 2025.
- FERNANDES, Mayala. **Estudantes negros relatam abordagens discriminatórias na UFPR**. Brasil de Fato Paraná, 13 dez. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2024/12/13/estudantes-negros-relatam-abordagens-discriminatorias-na-ufpr>. Acesso em: 12 jan. 2025.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de Saber**. 11. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

**“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR**

**IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil.** Educa | Jovens. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html>. Acesso em: 15 jan. 2025.

**IBGE. Em 2022, rendimento-hora dos trabalhadores brancos (R\$ 20,0) era 61,4% maior que o dos pretos ou pardos (R\$12,4).** Agência de Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38543-em-2022-rendimento-hora-dos-trabalhadores-brancos-r-20-0-era-61-4-maior-que-o-dos-pretos-ou-pardos-r-12-4>. Acesso em: 15 jan. 2025.

**INEP. Ingresso por cotas aumentou 167% nas universidades.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/ingresso-por-cotas-aumentou-167-nas-universidades>. Acesso em: 15 jan. 2025.

**IPEA. População negra conquista espaço no ensino superior.** Portal Ipea, 26 jun. 2020. Disponível em: [https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=35896](https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35896). Acesso em: 15 jan. 2025.

**REIS, Aline. Estudantes acusam professor da UFPR de racismo e alegam hostilidade em sala de aula.** Plural.jor, 30 set. 2024. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/estudantes-acusam-professor-da-ufpr-racismo-e-alegam-hostilidade-em-sala-de-aula/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

**ROSA, Patrícia. Número de estudantes negros nas universidades federais passa de 17% para 47% em 13 anos.** Revista Afirmativa, 27 mai. 2024. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/numero-de-estudantes-negros-nas-universidades-federais-passa-de-17-para-47-em-13-anos/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

**SANDEL, Michael. A tirania do Mérito: o que aconteceu com o bem comum?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

**SANTOS, Juliana Silva. O discurso sobre as cotas raciais antes da Lei 12.711/2012: letramentos acadêmicos e a ampliação do acesso ao ensino superior no Brasil.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 19, n. 1, p. 1–28, 2019. DOI: 10.1590/1984-6398201912962

**SILVA, Maíra Menezes. Cotas raciais: do racismo estrutural aos coletivos negros universitários.** 2016. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/18576>. Acesso em 20 de ago. de 2025.

**SILVA, Thais de Castro. O baixo índice de médicos negros em Curitiba.** Jornal Comunicação UFPR, 13 dez. 2024. Disponível em: <https://jornalcomunicacao.ufpr.br/o-baixo-indice-de-medicos-negros-em-curitiba/> Acesso em: 12 jan. 2025.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR).** Republicação da postagem de Evelin Moreira: **Cotas abrem portas. O filho do pedreiro virou doutor!** Publicação no Instagram,

**“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR**

9h. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DCuBD8YOWWs/?img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/DCuBD8YOWWs/?img_index=2). Acesso em: 12 jan. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Sistema de cotas ainda provoca dúvidas: entenda como funciona.** Curitiba, 21 ago. 2022. Disponível em: <https://ufpr.br/sistema-de-cotas-ainda-provoca-duvidas-entenda-como-funciona>. Acesso em 20 de ago. De 2025.

**“O FILHO DO PEDREIRO VIROU DOUTOR”: ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE MERITOCRACIA E RACISMO NO INSTAGRAM DA UFPR**

*Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19, volume 2, Ano: 2025 - ISSN: 1982-3800*

